



FOLHAS CINZAS

POESIA

RICARDO CARLIN



FOLHAS CINZAS

Ricardo Carlin

FOLHAS CINZAS

(Poesia)

2016

Palmas – Tocantins



*Este trabalho está licenciado com uma
Licença Creative Commons -
Atribuição 4.0 Internacional.*

ricardocarlin@gmail.com

Capa

Adlai Lustosa

Diagramação

Max Henrique (Publicitáriomax)

Revisão

Ronaldo Teixeira

Desenhos

Lara (p. 11)

Ayla (p. 73)

Matheus (p. 75)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C282f

Carlin, Ricardo, 1979-.

Folhas cinzas / Ricardo Carlin. - Palmas (TO): Ed. do Autor,
2017.

75p. :21 cm

ISBN 978-85-922432-0-3

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD-B869.1

para ale, ayla e lara

ESTRAGON. — De folhas.
VLADIMIR. — De cinzas.
ESTRAGON. — De folhas.

Esperando Godot - Beckett

SUMÁRIO

- 13 A palavra importante
 - 14 A flor
 - 15 Indizer
 - 17 Homem-mata
 - 18 Ambientações
 - 20 Inconforme
 - 21 O estudante
 - 22 *Corpus Christi*
 - 23 Improriedade
 - 24 Serra do Carmo
 - 26 Gramatik
- 27 Meus olhos injetados de árvores
 - 28 Tema:
- 29 A mancha ultraleve nos dentes
 - 30 Uma folha de futuro pende
 - 31 Ela é a menina errada
 - 32 Poema cambriano
 - 33 Deleidades
 - 34 Poemia
 - 36 Pupa
 - 37 Poliscidade
 - 39 Homenagem
 - 40 Digresso
 - 41 🖐
 - 42 Pires crômico
 - 44 *Inter vivos*
- 45 Choveu sobre a serra
 - 47 Amor
 - 48 *Outelectuais*
 - 49 *In perpetuum*
- 50 Noite rua adentro
 - 52 Frender
- 53 Acidente vascular ideacional

54	Contra-natureza
55	<i>Nihil extreme</i>
56	Um pé de praça
60	<i>Mise-en-scènes domestiques</i>
61	À Charles
62	Tempos difíceis
63	Descontrole
64	Acossado
65	Mentalidade:
67	Heresia (humanidade)
69	Os artistas de los culturos
71	Imnsônia
72	Crítica literária
73	UOU



A PALAVRA IMPORTANTE

A palavra importante é como um tiro de anestesia
num coágulo de manhã
espalhada sob um lençol de seda de canhão.

A palavra importante é dita dentro do silêncio.

O silêncio é sempre igual,
a palavra sempre muda.

A FLOR

— em meio ao cerrado atapetado de sol,
junto ao cimento coalhado de magma,
no ante-verde brasido,
na estiagem têmpera cercada de asfalto líquido,
na água pútrida do azul dissolvido,
nos cristais de fumaça que ascendem pela chuva de cinzas,
na grama-cadáver coberta de sede diamantizada,
sob a vista rubra como um raio paralisado no amianto estalado,
no suco de Hades goela abaixo,
dentro da churrasqueira atmosférica,
ao pé dos vasos regados à óleo queimado
e extintores de incêndio destampados,
enquanto as árvores decrescem castigadas esmolando água
— insiste em nascer.

INDIZER

É preciso que se dê as mãos à eternidade
a fim de que os dias sejam contados e se acabem.
É preciso estar vivo
porque é nos termos que acontece o infinito
e os caminhos, quando se anda, se apagam.

Sentimentos...
Arrazoados...

Encher a garrafa de vinho,
verter o copo vazio.
Ter uma visão dormindo.
Ver o que não tem sentido.

A luz chegará aos olhos fechados.
A noite romperá incandescente
de um sonho fora da mente fixado
— o que a faz raiar quando acontece.

Suspirou o olhar que uma mão deu à outra.
Assoprou aos céus uma nuvem quente.
Caiu sobre as folhas cinzas o fogo verde.

O coração dá voltas retas.

Sentir-se...
Contrair-se...
Sentir-se...
Contrair-se...
Sentir-se...
Contrair-se...

O coração vê-se a si próprio.

Bater-se...
Bater-se...
Bater-se...
Bater-se...

Vacinas não há para si mesmo.
De si mesmo está-se doente?
O remédio: ouvir o que se fala.
A cura: ser-se novamente.

É preciso que se dê as mãos à brevidade
a fim de que os dias sejam de logo prestes e eternizados.

Raciocínios que amam...
Sentimentos arrazoados...

Digam isso.

HOMEM-MATA

O concreto dá fruta
Fritam as cidades
Caíram sobre a cabeça os edifícios

Pássaros se jogam nas jaulas
Eu te amo, mas não amo sempre

Corações se batem nas gaiolas
Eu rio, mas não sou feliz sempre

— E os pés talvez não andem

A cidade-mato
Os homens se matam

AMBIENTAÇÕES

[Ali]

Nessa arquibancada em que sentado,
para dentro de um terceiro eu saio,
e ao vê-lo-me mais à frente,
desmaio.

[Cá]

Acomodado num banco em falso,
neste quarto onde sozinho
não me caibo,
nado no vácuo que meus movimentos cavam.

[@]

Um teclado fala pelos lados,
mão fechada deslaçando frases.
Esguichando engulos,
espero ficar no pulo.

[Já]

Na complacente estreita área,
externando pelo miolo da praça,
arremesso o lugar em que estou dentro
e saio.

[]

Não-sendo bem sendo-muito,
sei não o que fazer no mundo.
De transparência estou maquiado.

[Aqui]

Neste êmbolo descarrilhado,
meu grito sai todo desseringado.
Sobre a ardidez de umas verdades,
eu estou para dormir pelado.

[#]

Sem braços nesta fila de mãos dadas,
descrevendo quando digo nada
— Colho nas mãos este silêncio,
vou aos ouvidos das pessoas,
jogo dentro.

INCONFORME

Não mudes conforme as opções:
— muda desconforme.

Não vivas um dia por vez:
— desvive cada dia uma vida.

Desnasce-te.
Desfica-te
Desvire-em-si.

O caminho andar­á por conta
ou mesmo andar­á nele próprio.

Não vivas no mundo:
— Vive a própria vida do mundo.

Pensa no próprio pensamento:
— Por fora, porém, não por dentro.

O ESTUDANTE

Estou sentado.

Abaixo a cabeça lendo e memorizo conceitos.

Mas quando decorei o que lera acabei me esquecendo de quem eu era.

Enquanto isso, vieram me contar que foi um sucesso a eleição do novo robô para a Câmara dos Deputados.

E que um som elétrico foi descoberto em um planeta escuro e despovoado.

Ouçõ a porta abrindo.

Por ela entra uma barata com uma maçã nas costas,
ouvindo um disco.

Meu cachorro passa correndo atrás d'Os Três Porquinhos.

Distraio-me e levo um choque de um livro.

(Mas já havia pago ao mecânico para consertá-lo!)

Pela janela, vejo *paparazzi* tirando fotos de objetos inanimados.

Fico sabendo que há uma guerra de travesseiros entre os países ao lado.

Uma cor carmesim teve o filho dentro do táxi antes de chegar à maternidade.

Concentro-me na leitura deste livro que me ensina a ficar sério,
assim irei à rua sorrindo sem disfarce.

O Sistema Financeiro bate à porta desmilinguido,
suplicando por comida, um pão dormido, um copo d'água.

O que me faz lembrar que a Educação sabe escrever o próprio nome e mais nada.

O bandido foge para o presídio,
um político se matou por honestidade.

A moça no Facebook não dá opinião,
o rapaz no Twitter não faz comentários.

A terra gira sob seu eixo levando junto
o pulo das pessoas,
os passarinhos em voo, o ar fervendo,
as coisas que caem porque se desprenderam.
E eu aqui sentado, desacontecendo.

CORPUS CHRISTI

O que eu posso chamar: Deus
– é a carne que está viva.
A carne em que circula sangue,
que se reconstrói na ferida;
o músculo que se contorce
com a eletricidade química.

Também posso chamar: Deus
– a força dessa carne;
a cicatrização da vida;
a movimentação do organismo;
os espasmos dos sentidos.

E quando penso: Deus
– é ele também o próprio pensamento
que vem da circulação dos fluidos
que migram entre os pés e o cérebro,
derramando-se pelos orifícios.

Porque esta carne viva que anda
– que tem dentro de si
o vigor dos músculos,
a energia encoberta
no encaixe das fibras –
resplandece para além do corpo
transcendendo a vida dos indivíduos,
fulgurante e milagrosa
tal qual um sol parindo.

IMPROPRIEDADES

A ideia é o corpo estranho dentro da mente.
Somos o corpo estranho dentro do mundo.
A vida é o corpo estranho dentro da gente.

SERRA DO CARMO

volto-me para	na existência
a serra admirado	mas o que se fazem
a imagem	entre um
faz nascer olhos	e com o outro
assim como	repito
ver um copo	nada entendo como
acaba dando sede	o chão pisa
mas o que tais olhos	sob meus pés
e a serra fazem	e ambos
a palestrarem	se defrontam
em seu estrado	porém
um com outro	o que conversam
e conversarem	é pra mim
entre sis dois	uma linguagem
objetos nada sei	estranha
pois à altura	um contrato
do quanto sou	em branco
e à quantia que	pois se até
estou não sei	em-não-sendo
como se relacionam	não sei nem mesmo
nem como se cuidam	o que faz
os meus sentidos	a minha cabeça
e o mundo	com meu corpo
apenas dispo-me	minha carne
em consciente	com meus ossos
ponho-me à	meus adentros
disposição da vivência	com meus flancos
e cá estou	quando bem eu
de frente ao mundo	poderia ser
desgatilhado	o objeto estático
transnascido	e mouco
suporizado	enquanto o mundo
desnudo	todo em volta
e de algum lá	a pessoa que
me olha a vida	me olha
e faz-me coisas	e de me olhasse

dissesse: que coisa	não sei
como olho	o que fazem
para a serra	a língua e a boca
e digo: que bela	dentro do beijo
será pois	afasto a cabeça
que o ar não está vivo	balanço
e apenas tem	os pensamentos
o sangue transparente	volto meus olhos
se tocam	para a serra
este ar e a	mas vejo-a em mim
minha respiração	novamente
mas sobre isso	silente pergunto
não tenho	fálico
nenhum conceito	de sexo metafísico
como também	eu existo?

GRAMATIK

Me diz mestre, o que você achas que é?
Depois que aprendi às regras certas
não tive + a criatividade;
Nem consigo i de casa nenhum bolso

vê. a questão era ter ido embora: antes da palestra,
pois “mais quanto soubera, menos estivera’

!..gramática brut[a menino;

O alfabeto, é ilimitado antes de aprendido.
As concordancias/ a regencias –

Sabia delas com 10 anos de idade,
dezaprendi tudo na faculdade.

...

Meus olhos injetados de árvores
Minha boca entupida de terra
Minha cabeça volteada de orquídeas
Meus ouvidos forrados de flores

(Sentimentos evaporavam enquanto o cérebro pensava)

TEMA: É comum achar que os pensamentos são livres e que a cabeça é o lugar da liberdade. Mas na verdade, talvez sejam os pés os verdadeiramente livres. Enquanto estes ao menos se arrastam, aquela solipsa; entroniza-se para ao mesmo tempo reinar e obedecer-se. Já os pés, podendo viajar, descobrem. E àquela descortina.

[Desenvolva o tema em forma de versos.]

— *Sim.*

POIS LIVREM OS PÉS QUE A CABEÇA VAI

Os pensamentos estão presos.

A cabeça é uma mala fechada a machadadas,

Uma cidade sem ruas inundada por casas que não saem da sala.

Por dentre, os móveis transparentes acolchoam-se e se esmagam.

Os pensamentos apenas singram para dentro de outros pensamentos,

Como um corpo profuso que inventa somente gestos decorados.

O coração se remete, laceado com um sangue envolto

Sob artérias que em si dão voltas.

A razão não é mais que uma liberdade forçada.

O pensamento é como um livro escrito no interior de outro livro cheio de leis dentro de uma segunda lei mandando prender pessoas que já se encontram na cadeia.

...

a mancha ultraleve nos dentes
e o passo afinado dos pés
com as letras do objeto muro
compõem a valsa de concreto
sob o vão dos objetos pés

...

Uma folha de futuro pende
Outra parte de passado escorre
O presente é um tecido em voo

O tempo é um rio
de assovio

Ela é a menina errada,
e eu a amo porque sou o cara errado.

Nossos erros nos dão uma graça,
e desse jeito nos gostamos:
enviesados.

POEMA CAMBRIANO

Forma fossilífera no éon bivalve
Dinocáridos lúzidos de pintura clara
Tomotiano e argilitos escenelha alparca
Espériclos de vindima no pseudocaulé

Gondwana crisalha de folhas amerulas
Clézidas laurentia e cõngruas distomácias
Amonóide entre líquens e instiagens álias
Câmbricos anelídeos vólcios encasulas

Préstulos braquiópodes arqueociatos
Marella, trilobites e dendróides cruas
Écrans graptólitos nas glaciências luas
Neoproterozóicos enxertados traços

DELEIDADES

vidas fazem roda no corpo

não-estado / ato contínuo

(Eu queria a vida eterna nesta mesma terra; com esse mesmo gosto que a recebo; com esse feliz trabalho que emprego. Queria ter de aguentar para sempre a incontrolável saúde dos meus sentidos; essa minha ânsia que punge; esse meu colar de contas pesado ao pescoço. Assim queria a eternidade do espaço corrido por todo o tempo, com as horas-d'água saindo vapor pela cabeça. Não me serve um tal outro paraíso eterno — eu prefiro este inferno. Ou: não me serve aquele gozoso inferno — sou deste débil paraíso. Aqui, vida eterna! Nem que a ela as culpas que tenho orquestrado e os erros que se me pronunciam já à testa. Para onde vá e o quanto ande, nada diferente deste robusto vermelho sangue e dessa doce cânfora nos olhos. Ou mesmo esse ânimo que se decide hora por qualquer coisa.)

à gota de um dia

seja inteira uma vida

POEMIA

Poemia luz,
poemia lida.

Vida-carne
-pilha.

Minha filha (ou filho), que mania
de acender pavio com o fogo à cara!

Oh ninfas! Deusa! Oh fadas!,
tudo de exclamar que a poesia fala!

Tiro-te o corpo da frente,
deixo que passes
porque sou pequeno.

Tenho só
os pensamentos de abano, e tu,

corpete,
equipamento,
é coisa que precede a vida.

A poesia está duvidando,
asoa o guardanapo.

Faz-se ambientação
em um invólucro para
conservar aquele fato.

Tira as serpentes do caminho.
Engoliu o véu que cobria a cara.

Traz remédios para o indigerível.
Abre as cortinas na hora inapropriada.

Te envergonha e te agarra.

Marítimo frio-
-inferno de gramática;

expição eterna dentro
das ideias das palavras;

ígneo terror paraíso
de literatura!

Mas sintam-se
(sintam-se senhores!)

A pura essência destes sulcos
fragorosos de som-sentido/sinais-raciocínio...

Poesia patrizada.
Bem afeiçoada da cara
dos povos em que por dentro falas.

Tua correta linha para cima do fio dos Estados.

A impossível geografia reta,
a História certa repetida

— Erigindo civilização
junto e dentro dela.

Poemia,
absorvo o gosto do teu paladar
e saímos na rua de mãos dadas.

Saboreando o gosto que faz o sol,
mais todas as tuas estrelas
já enumeradas e escritas.

E aquela saudade
que ficou muito bem registrada!

PUPA

Tenho uma camada de pele por dentro
e uma capa de espírito por fora.
Meu corpo é coifa de pensamentos,
um retículo dos sentimentos.
À minha carcaça de ossos exteriores
subjaz uma carapa epidérmica ao centro.

POLISCIDADE

Eu, *il* aturdido,
caminho em desvãos pelas goiáses, piauís, maranhães.
Assaltado ao meio-dia pelo sol,
rompo em cruzeiros as esquinas
recolhendo corações e sonhos pela calçada.

Aceito esta urbe como a minha casa.
Esta cidade ratificada. Esta cidade de profecia.
De saúde, malha asfáltica e ícones apagados.

Polo de descaminhos fiscais e da serena mendicância.
Caldeirão fervente onde eu tomo meu banho de rosas.

Amo o teu ondular, oh minha cidade; o teu desenrolar, oh meio-partidos; o teu
esvaziar, ó civilidade!

Aqui eu, zureta,
com a minha inteligência de coto que vai a sua casa lhe visitar,
bela vizinha, querida amiga,
pois não, sim!

Cidade declarada na ata do meu cemitério.
Te louvo.
E se te louvo, não minto.
Assim como não te louvo se a maldigo.

Passo a língua sobre o cimento das Abadias,
bebo dos córregos e com os mosquitos,
e me sento na praça da rua central para orientar os filhos da rodoviária.

Nunca desarmarei a minha cama da rua, nunca!
— Ó meu travesseiro de tocanzins!
Nem apagarei as minhas fotografias repetidas,
capital do meu coração, mãe confusa, água do meu hálito.

Estou contigo, tens a minha senilidade nas mãos.

Enquanto estou cada vez mais indo, cada vez mais gaze e curativos.
Enquanto a respiração aqui faz álcool e os meus olhos saltam de arrebate para o mesmíssimo.
Para o conteúdo a dar voltas exteriores.
— Alternância entre vazio e eco.

(Memória branca.
Imagem escura.)

— A poesia sofre falta.

Com suas manhãs e árvores etéreas, o sol acorda cheio de relógios.
Sobre a mordedura das casas, a escuridão completa sua sede
jorrando nossa hemorragia às sete horas da manhã.
Então o rumor dos pés desacordados
pedirá espaço entre as horas
e veremos o dia mastigar-se novamente.

Na rua,
um levante de velhas grávidas descicatrizará de novo a ferida da vida,
enquanto os artistas pedem comida nos hospitais.

Minha cidade e minha vida dentro dela.
As duas abençoadas.
Um tanto ou mais quebradas.
Um tanto ou muito mais certas.

Gurupi - Tocantins, 2000.

HOMENAGEM

És a 7ª dimensão provocando ondas gravitacionais na 10ª e na 5ª, numa noite cheia de singularidade.

És a mão de hidrogênio carregando o gosto das coisas ao compartilhar seus átomos com um jovem senhor que já morreu.

És a intenção do carbono gerando idades nos fósseis desterrados, esperando amanhecer uma flor de hemoglobina no vácuo dos elétrons perdidos.

És o dente da pré-história penetrando as raízes dos nêutrons para decantar um buraco negro deslizante e trazê-lo ao mar de oxigênio;

Uma arvorecência tipo máquina aparelhada para medir a expansão dos universos abrigados na razão da antimatéria, salva da irradiação magnética das estrelas por uma descrição orbital do que é o infinito.

Atira-te na vida como uma nova multiplicação matemática que a inteligência levanta.

Agitação, tormento de cordas, infinito!

— Abração, meu amigo!

DIGRESSO

Aqui onde estás precisamente és
bem uns quantos duplicados.

Os olhos estão onde estão os
objetos: correm em volta das praças.

A cabeça testemunha como um livro numa biblioteca pública cheia de desvios.

O que é corpo
— um organismo de tecidos — um par
de alucinações — estica-se pra continuar parado.

No caminho que vai tão somente aos próprios pés não se cai.

Ao tempo em que células antes vivas em ti voam mortas pelos minerais;
cruzas às braçadas piscinas populares, sem carteirinha.

E o que se fez de sentir vergonha é como correspondência
não solicitada, chegando todos os dias.

Aqui onde estás.
Sim, precisamente!

Entre colunas abertas nos veios vai passando o tempo.

E pensar que o tempo é assim:
como enquanto
se apenas fica:

tudo isso!



Bilhões de anos juntaram-se a bilhões de anos no universo para que você nascesse.

— Nascer é rasgar as dimensões com um espaço que ficará viajando nelas por um tempo.

A luz de uma estrela viajou dez bilhões de anos para iluminar seu sorriso aberto agora.

— Beleza é enxergar com o coração uma nuvem de uma tonelada sobrevoando um rio no qual peixinhos, se param de nadar, afundam.

Milhões de anos juntaram-se a milhões de anos para que se formassem planetas e em um deles o seu nome.

Poeiras que se encontravam aos poucos formaram galáxias que agora voam suspensas por baixo dos seus pés.

— E tudo isso é mais bonito que um milagre!

Beleza é fazer com que os olhos percam as palavras.

Amor é uma vida que nasce dentro do coração de outra vida.

Abril de 2007.

PIRES CRÔMICO

Uma cor cheia de vocabulário
fez gritar o gosto de todas

Tê-las aos dentes
descendo aos estalos
tal ouriços deitados

Pontos de silêncio brilham
como um ralo
dentro de um branco

Parados

Nos interiores abertos
de escuros elásticos

Há-de vir para andar descalço
pois teu coração partiu pra longe

Como um filhote de arco-íris
em teu útero de carícias

Escorrendo licor do espírito
penteado à face

Como vidro na carne azul das tuas verdades

Pele tarrafada sobre uma sombra
da água crômica de que te enfadas

Corres bramindo as cores
dos teus sonhos acordados

Onde esperas
estejam mortas as realidades

E a ausência de corpo mordido
pelos beijos

O futuro pulsa como um coração amarelo
que guarda uma vida embaixo da cama

Em pouco tempo a lua cairá nos nossos olhos

INTER VIVOS

Eu estou vivendo mesmo!

Estou vivendo
como se tivesse sabido ontem
que hoje eu morro.

Mas não porque estou morrendo.
(Que é quando mais se vive...)

Estou vivendo porque quero viver muito.
Mesmo que esse tanto dê em nada.

E quero fazer tudo o que o padre disse para fazer
e o que o médico disse que não era.

Pois se eu tenho que viver,
vivo! Porque – valha-me! –
se não fizer agora tudo isso,
quando irei poder?

Quero correr com Deus por aí,
ora segurando, ora largado da sua mão!

E depois também com o Diabo,
com ele dizendo o caminho ou não!

Estou dizendo:
eu vou é sair dançando.

Eu estou vivendo mesmo!

CHOVEU SOBRE A SERRA

Choveu sobre a serra
uma chuva que parecia
que a própria serra
chovia

As escarpas pingando
em aclave
A névoa remando
subia

Os animais bebiam terra
as plantas nadavam

As nuvens tinham gosto
de sal doce
dentro do balde

Entre pedrinhas carnívoras
uma ariranha estava perdida

As frutas vasilhavam
as flores capindouravam

O pé de jatobá cantava por via matemática
A sucupira escrevia uma carta de amor
por encomenda de uma tesourinha

Uma cigarra então pendurou o sol
depois que a chuva foi dormir em um ninho de passarinho

O céu agora volvido
de estiagem
desfolhando as águas

O horizonte com seu
antebraço plantado

no cotovelo da paisagem

Era um cristal que desapolvilhava
no susto bonito
que se dão os sentidos

A serra já límpida
uma serra linda!

AMOR

vida
a
vida

cara
a
cara

OUTELECTUAIS

"Chega de citações."

- Autor desconhecido -

Eu quero é atéá fogo / nessa poesia que admira / mais a poesia dos ôto / do que
a poesia da vida.

IN PERPETUUM

O amor deteriorou-se como um fóton
Apagou-se como um vidro
Esvaziou-se como uma estante

O amor perdeu-se como alguém se perde dentro de casa
Fez-se falso como dinheiro da Casa da Moeda
Morreu como uma cobra por ela mesma picada

O amor congelou-se como a luz acesa
Fugiu como uma montanha
Apodreceu como um diamante

NOITE RUA ADENTRO

Tem a lua cheia entornando dentro da íris um vidro líquido.
Colando ao álbum de nuvens um quebra cabeça de ruas.
Tem o interesse antigo do menino que brinca com um desperdício.
Calçando em cada sapato um labirinto.

Tem gente dentro das outras num elevador vazio da via
que leva do fim ao meio.
Tem um ancião que não morre derramando corpos
nessas garrafinhas de turismo de coloridas areias.

Tem um teto solar de carro usado como calço pra que não se caia ladeira
abaixo.
Uma árvore elétrica descalçando o espírito pra energizar um poste,
enchendo-se de açúcar invertido mascado.
Tem um *dzzzt* de vaga-lume que é como um saiote do mostruário
que podemos catar e experimentar nos calos.

Tem pessoas dançando em roda sozinhas que se abraçam,
enquanto o meio-fio da rua amarra seu cadarço.
Tem um cachorro mordiscando um cheiro;
encontrando no pelo a própria casa.

Tem a lua cheia brilhando nos cabelos da avenida,
fazendo cócegas nos calcanhares dos sentidos.
Um espírito com um gosto físico dedilhado como uma cítara.
Olhos salivando a fim de que a paisagem possa ser engolida.

*[Existe um hormônio sintáxico que
(dessentido soer)
torna possível o ter
no conceito líbrico de haver.]*

Pois tem os carros batendo nos sonhos ao atropelo das casas.
A loucura e a lucidez passeando de mãos dadas
como se entre elas existisse uma amizade.

Tem a lua cheia à residência que não chega.
Uma flor de bisturi, um samba morto
do qual ainda se ouve a batucada.

— A rua molhada de pneus.

As lixeiras vazias e as cabeças cheias.

FRENDOR

Unido ao corpo
parado
braços nervosos
e pernas

Junto do corpo
inerte
a cabeça
nada o universo

Dentro do corpo
sentado
o coração
anseia inquieto

Corre o sangue
— artérias inermes —

Corpo que pulsa
parado

ACIDENTE VASCULAR IDEACIONAL

as veias do cérebro têm sido pressionadas de forma que o sangue vaza dentre os esquecimentos dos neurônios em uma vastidão espacial que contém em seu íntimo o universo as várias dimensões teorizadas e o infinito interior porquanto os pensamentos se quebram e jorram sobre o que as imagens veem e sobre o que não dizem as palavras penetrando por baixo do imaginado silêncio dos pulmões externado pelo cansar de produzir células místicas aparte da pressurização da veia cerebral principal a fim de que não se fale até o momento em que os pensamentos serão gestados adotados ou rejeitados e por qual pessoa pois o corpo poderá espelhá-los no seu canto do rosto o vidro das mãos abertas das pedras salivares dos pés encostados num planeta e no outro porque é desta forma que as veias trabalham na constante pressão dos atrasos na sedenta aquisição da fome na destemperança do raciocínio sensato sem se importar se partem das cavidades quânticas das glândulas eletrônicas ou dos *chips* excretadores ao não significar necessariamente que a lógica faça ruborescer os modos de comportamento ou que o partidatismo traga consigo uns três ou quatro abraços sempre foi entendimento de que o músculo reflexivo pressiona o sangue para que este ande mais rápido evitando que as conclusões apodreçam onde as opiniões são afogadas na estéril luz da doença que compõe os anticorpos ainda que uma dor na cabeça faça com que se afirme uma convenção ou que se contrate uma facção para a aprovação anímica sem ressalvas o organismo tende a fugir ao controle dos órgãos e bater fora do coração como se vivesse abandonado aos correntes intelecto-linfáticos à evacuação alumínica das artérias ou à condensação plásmica das galáxias interintestinais as quais são dentre os desarranjos da personalidade a vontade plúrida a esperança na ressurreição dos dentes e das unhas e a deglutição da radiação cósmica de fundo com mecanismos de obtenção de energia sólida a partir de uma carne espiritual ainda que tais conceitos assumam quaisquer posições de gravidade entre as certezas rugosas ordinariamente surgidas da solidificação energética já citada e extraídas do suor das pústulas alteradas cromaticamente nos sentidos visão olfato e putrefação as quais nesta ordem atuam sobre os cheiros cinzas a cegueira límpida e o nascimento infrene de modo que a evolução do ciclo psicológico atenda às leis das caudas cometárias em seus aspectos fármaco-neurais respeitando-se em todo caso o requinte e a vulgaridade indiferentes se nascidos na imaginação dos olhos ou nas entranhas das ideias o que importa é como as veias do cérebro têm sido pressionadas de forma que

CONTRA-NATUREZA

Que a fumaça venha por colorir todos os campos de picumã
e que os rios vistam seus vestidos de fuligem.

Que de cada semente nasça um cano de escapamento
e uma chaminé de fábrica.

A partir de agora todas as chuvas deverão ser ácidas!

Os frutos terão *chips* e estarão conectados.

Os lagos deverão ser desinfetados com cloro estabilizado.

A cidade irá brotar como um coração de concreto
num útero de plástico
de veias quilométricas, cheias de piche,
tudo betumado.

A partir de agora as crianças serão paridas sobre as mesas de negócios
pela vendedora do mês, embrulhadas em extrato bancário.

NIHIL EXTREME

(A existência é um vazio com um buraco no meio)

VAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIO
VAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIO
VAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIO
VAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIO
VAZIOVAZIO B U R VAZIOVAZIO
VAZIOVAZIO A C O VAZIOVAZIO
VAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIO
VAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIO
VAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIO
VAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIOVAZIO

UM PÉ DE PRAÇA

O Pé de Murici na Praça dos Girassóis está em Febre.

Nascido antes da cidade,
de um tempo em que as escavadeiras sequer assoalhavam as árvores,
ele, a salvo, já engatinhava.

Agora sua um perfume amadeirado,
dando de comer à grama falecida
seu suco de carne amarelecido.

Não se importa com as pessoas que pairam.
Nem se atina se há perigo de uma guerra civil na rua ao lado.
Onde as crianças rifam a sorte,
os semáforos brigam
e os veículos trabalham.

Nem se importa com as moscas rodantes
brincando com os próprios sexos
sobre das frutas expostas o sangue.

O pé de murici,
já apertado em seu próprio corpo,
não se cabe.
Esmaga-se; retorcido, sobra-se;
rompe pela transborda.

É agora um buraco vazio de tão pesado.
Cadeado que se quer abrir sem chave.
Perfaz um movimento interiorizado
tal qual Cupido de vapor num copo d'água.

Carrega em si a vida premida;
a vida uterada; gestada;
e que agora deve ir-se em guerra à casca.
Assim como se um morto tivesse
que escrever na própria cova pelo lado de fora.

Cru, inconsternado.
Embebido nas flâmulas-fátuas;
seguindo faluas sem caminhos
sob impronúncias telegíveis
no meio da cidade bêbada de fumagem.

— Estrada de um universo escondido,
nos transporta à dimensão emudecida.

(Entrementes, o fruto que passa tem horas,
chove tem dias, nasce tem vidas.

A semente, por fim, chove horas,
engendra dias e desfecha vida.)

Como um acontecimento que em uma forma de gelo
cristalizou-se em silêncio.
Como lâmina cortando um caroço a partir de dentro.

— Esta árvore rodeia as pessoas para descansar nos objetos,
na música soterrada entre as varizes do cenário.

Sabendo que é preciso escrever-se (plantar-se?),
tatua-se nos espaços entre os dentes da eternidade
com eletricidade amarrada,
a fim de que a estrada se apague e os passos
descontinuem emoldurados em falso.

— — O que que quer dizer com isso? Se

Em um dos centros da chamada Praça dos Girassóis] ¹ [No município de Palmas, capital do Estado do Tocantins, um pé de murici cresceu antes que o cotidiano das pessoas existisse e novamente está carregado de frutos. Até já se pode acolher os que estão maduros. Outros esperam ainda a saliva do tempo. Depois berrarão aos bichos que venham lhes beber. Ali há árvores que se encontram traficando as unhas dos pés no subsolo. Ali há gatos que comem insetos à noite em frente aos

¹"área urbana arborizada e/ou ajardinada (...)", segundo o Dicionário Houaiss. O sítio eletrônico secom.to.gov.br, do governo estadual, afirma que se trata da segunda maior do mundo.

refletores. Há tocas de raposas guardando ovos. Há pássaros voando sem traje de banho. Mas, sobretudo, ao raiar presente da fartura, seu *odor di femina* enfarta a superfície. Sua carne lateja como um quartzo tímido. Seu perfume grita à roda das pessoas que meditam. O étimo das raízes anda sobre a estrada dos seus ramos. Um útero acaba de se tornar semente. Reecomeça-se. Vai!

— — Mas que seja a

A Praça dos Girassóis ainda será a maior fazenda de fogos da América Latina.
A Praça dos Girassóis abrigará pessoas convictas que se perdem por seus caminhos.

A Praça dos Girassóis será palco dos crimes mais bonitos.

A Praça dos Girassóis será reformada com verbas desviadas.

A praça nadas, infinitos cheios, zero vazios, meio fim, infinitos vazios pelo meio.

A praça afrodisíaca para comemorar o anti-sexo; o anti-nada à falta de tudo.

A praça para esperar na linha da sonora falta de assunto.

A praça ambientada por cima, arquicomida pelas beiradas.

A praça mendicância, mas joga fora *blanquette* de vitela.

A praça laços-de-família e dos ensaístas de espírito.

A praça incerta coagulada no calendário dos festejos.

A Praça Nacional das Nações a fazer guerra.

A praça para fugir pelo meio.

A praça para não sair de casa.

A praça para dormir.

A impraça.

A despraça.

Pois a Dos Girassóis será!

O pé de murici perpassa as pedras portuguesas agarrando-se à gengiva daquela como veias que correm dentro dos pensamentos recendendo a concreto armado.

E a direção de cada fome

— da planta e da área —

cruza cada

um continente a ser descoberto.

— glândula secretando glândula —

Um qual enxerga como enxergam os criminosos
presos nas máquinas de hemodiálise
por uma falta de decoro que o rei presenciara.

— monólogo dentro de espelhos —

Aqui, neste lugar de absoluto acaso,
um pé de murici solitário
— desprezado como algo que é arremessado e que não se vai buscar —,
sobrevive das rações para paisagem vendidas em sacos pluviais.

E se pensasse — ou se pensa —
chegaria a duvidar que existe,
ou creia que existe apenas por dentro,
usando a realidade como saco de dormir.
E pensaria traduzir as cores
e ouvir os corações que não estão plantados no peito,
enquanto, risando, atolaria os dentes de alegria.

E de pensar, seu cérebro: *"eu existo!"*.
Mas retorna a razão: *"estou aqui suficientemente para provar que não existo!"*.
E se há existência-não: diz *"acontecer é ver por dentro"*.

À distância de um passo, morto de sede da fonte.
Ora, morto!
Como se o espantalho assim mesmo não espantasse os corvos!

(É imaginar a incitância de ser bicho — caso homem —, usar calças, vestir calçados, e parar para escrever que um dia, no meio de uma capital, em um construído imenso, um pé de murici nasceu, desvelou-se, progrediu e, sem amor, casou-se com uma praça.)

Pois nesse lugar em que chegaram sem segunda via,
o pé de murici, a praça, a cidade, seus respectivos desvios
(o próprio desvio que é um caminho),
se pudessem escrever, quem sabe não fizessem poesia?
Chegaram a se plantarem uma vida?

MISE-EN-SCÈNES DOMESTIQUES

(Cenário 1 – Dentro da sacada à sala. Enquanto as pessoas estão dormindo, ouvem-se barulhos compridos.)

da parede brota um quadro esférico
os ladrilhos ficam loucos e latem
as lâmpadas desceram de rapel do teto
o chuveiro despilcha água do balde

.....

(Cenário 2 – Manhã de quinta-feira. Interior da piscina)

Sangue na cortina! Berrou a empregada.
— “E no volante”, disse o motorista.
Também na pia... Falou a cozinheira.
Não vi nada! – Gritou o vigia.

.....

(Entra o diretor. Diz arriado: — Esse texto não tem cura. Deixa ele aí até morrer.)

FIM

À CHARLES

Não se engane, Meu Amor,
nós estamos competindo.
A vida é luta, Meu Coração,
e estamos todos vencidos.

Sobrevivemos, Minha Vida,
lutando a cada dia.
Devemos assim, Meu Tesouro,
safar a riqueza dos outros.

Não se iluda, Minha Paixão,
a vitória não é digna.
O nosso amor, Minha Querida,
é apenas por comida.

Seremos ricos, Minha Amada,
teremos filhos e uma casa.
Para isso, Minha Alegria,
mataremos a cada dia.

Sempre felizes, Minha Adorada,
satisfeitos e saudáveis.
A nossa riqueza, Minha Nobre,
esterca a miséria dos pobres.

Se for preciso, Meu Anjo,
para proteger nossa família,
não importará, uma vez mais,
mostrar o que somos: animais.

TEMPOS DIFÍCEIS

A casa era tão pequena
que o quarto dormia dentro da gente.

DESCONTROLE

A tal raiva
de beber o próprio fígado.
Descosturar as sobrancelhas com o dente de siso.

Essa tal raiva
que descama a pele do coração e a salga
para adoçar o rosto no chão da sala.

A raiva que é um tecido tão morto
secado dia inteiro entre moscas,
ante a vista que escurece ao sol que nasce.

Esse rilhar de dentes;
essa tal fúria.

Esse ringir de gentes;
essa tal ira.

Cisma a morder por baixo dos cascos a própria língua.

Essa sanha entranhada na unha.
Cigarro que o espírito fuma.

O tal ódio
comendo carne viva à cabidela.
Bílis vermelha ardendo como febre amarela.

Um tal exagero que até o Diabo teve de vir para dar conselhos.

(— Isso é apenas cansaço,
embora de acordar tenha acabado.)

ACOSSADO

Um dia a minha vida e a minha morte cruzaram e tiveram um filho.
Nasci.

Foi quando ganhei vários corpos e vários espíritos.

Um dos espíritos encontrou um dos meus rostos.
Uma personalidade chegou à casa de uma das almas.
Agora estou existindo diversas vezes de várias formas.

E em cada corpo também dexisto-me
escolhendo uma vida para habitar.
Para então guardar os dias nas malas.
Desfazer-me dos restos de pele
de cada personalidade nova.

E em cada espírito tatear-me.
Devendo deixar dentro das coisas
uma vida para precisar-me matar
a sede sem ter água.

E assim entre tantos issos:
almas, personalidades,
corpos, espíritos,

ao total no fundo

— como um poço
cavado por baixo —:

acossado,

eu.

MENTALIDADE:

Onde está a cabeça?

A cabeça está nas mãos?
No estribo do olho?
Na íngua da testa?

A cabeça está no fundo dos pés
chutando o computador?

A cabeça se esconde no
nome, solta no corpo
do desorganismo?

Onde está a cabeça senão fora dos pensamentos,
esquecendo desacontecidos,

engolindo visões,
espumejando falas,

chilreando risos?

E onde justamente
não está: em cima
do corpo, debaixo
do pelo, acima
do rim.

(Na nuca enfeixada de
joias de vidro pelo braço
encaixado num ângulo da
geometria esquecido.)

Onde estar com a cabeça:
— por não de lá?
Como uma roupa:
— de assim como?

Em feito doido:
— um tipo nesse?

Ora, cérebro afora!

Maquiagem solta na cara como uma corrida de cavalos.
Ferida de uma laje cicatrizada.
Por do sol deitado sobre o chão da sala.

Pois nem na certa,
nem volteada
ou instada:

— violência acolchoada!

Não, a cabeça não
era. Nem crânica, nem
cérebra. Nem calçada,
nem sorriso
nem

coletivo –de– ninguém

A cabeça lume-
(mundo)-vaga

Nove foras.
Tudos nada.

HERESIA (HUMANIDADE)

Aceitamos Maomé?

– Siiiiiiiiiiim!

Mas como estagiário por enquanto,

pois ele ainda não concluiu o curso.

Olha como

gente-vida-coisa

é a

→Assim:

as pessoas

...

fazem

pensam

dizem

“capeta!”

e v ã o c o r r e n d o escovar os dentes na igreja

(terreiro, basílica, templo, mesquita)

Olorum fez isso?

Meu filho,

“(É sempre o Desespero
quem distribui as senhas)”

Dentes limpos em mãos, sobem ao ^{altar} pedir conselhos

Mas druida, [estás atrasado],
nem terminaste o cantarejo ainda!

Fosse em qualquer coisa assim mesmo não è ser do mesmo jeito que fosse

, ‘e,’

por qualquer coisassim já se fica desesperado.

tanto {krishna e raquel; osíris e iansã; jacó e ísis; xangô e radharani} quanto

Chegaram a bater no dono para que não latisse quando seu cachorro parasse.

por qualquer coisa sim, ontem,

de um sujeito roubaram o braço

.acontece. .que.

O HOMEM TEM FOME E O DIABO A COMIDA

:missA ←

O DIABO É QUEM TÁ NA COZINHA, EMBORA DEUS TENHA CRIADO A BARRIGA

Mas olha como a(o) final,
sim assim isso pode-se dizer,
a vida-gente/vida-coisa é boa:

° § no meio do turvo e do anuvio,
 da turvação-névoa fria escura,
 ainda tem quem diz, luzente
.. — luz *lúmina* incandescência;
. gente-coisa iluminada —,
 verdade de risos rio no rosto.

— “Beleza!”
— “Generosidade!”

OS ARTISTOS DE LOS CULTUROS

PESSÔO HUMANO
coisa humana nenhuma
nada
gente'm lata

ARTISTOS ARTISTOS ARTISTOS

peessoas não
cult prurido
artistopatas
cilêncio nada

CULTURO CULTURO CULTURO

teatreta ah musiculteca ah
telassecas ah sononplatas
autôreos despalcos
músculas passas
duas ládegas
moréias asfálticas

artistaiada
cultureiada
cúltura póstulas
pustiolada

sem sede sem
nossas em mesmos

EM MESMOS EM

nossas em nós
todos porém
tudo desnossos largos vões
em nas rabetas vossas caras!

SEDE SEM SEDE

SEM SEDE

SEM

SÊ

se és coisa
n'és gente
sr. humeno
homano de costas

lhe
PUBLICIARAM

agora
PUBLICIAREMOSLHEOCU

senhor
sere humona coiso

SERE HUMONA COISO

NENHUMO!!!

IMNSÔNIA

Sonho:

Ca
ir

n

o

s

o

n

o

.

CRÍTICA LITERÁRIA

Páginas de um livro:
entra pelas narinas o texto lido,
como soprar nos olhos uma carreira de estricnina,
adormecendo a boca, intumescendo a língua.

Carpindo verbos na faringe,
erra ao calcanhar da traqueia,
tropeça nos acentos das artérias.

Discute com o pedante esôfago,
alcança a região do estômago,
onde, glosado e debatido,
será esterilizado e compreendido.

Um tanto provoca piroses explicativas,
outro tanto golfos de ferro doce.

O que passa ao intestino sem inferir curtos-circuitos,
transforma a flora bacteriana em versos livres,
provoca cizânias hermenêuticas e frias,
remela nas circunvoluções das tripas.

Numa entérica comoção organizacional,
da capa ao epílogo, do piloro ao ceco,
ganha gravidade e desce
rascando desde o íleo ao reto.

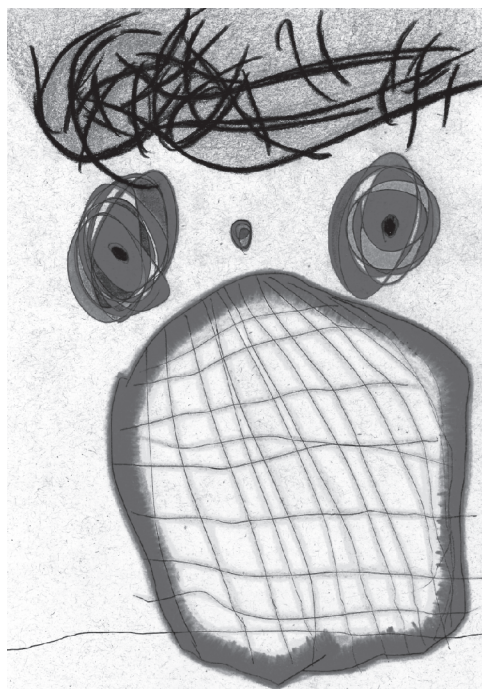
Depois de absorvidas as desnecessidades,
a luz cloacal – castanha e abjeta—,
assinala o caminho que resta:
rabiscado às cegas, o bolo literal
chega ao capítulo final,
onde o ânus a erudição espurca ejeta.

E tanto aquele quanto esta,
para que o ambiente não empestem,
podem ser limpos (resguardando a vida)
com as mesmas páginas antes lidas.

UOU



99% concluído
99,9% concluído
99,99% concluído
99,999% concluído
99,9999% concluído
99,99999% concluído
99,999999% concluído
99,9999999% concluído
99,99999999% concluído
99,999999999% concluído
99,9999999999% concluído
99,99999999999% concluído
99,999999999999% concluído
100% concluído





Agência Brasileira de ISBN
ISBN 978-85-922432-0-3



9 788592 243203